

# OS CAMINHOS DA LINGÜÍSTICA

Juciele Pereira Dias

“a inserção de uma disciplina não se esgota nela mesma e nem na própria história de sua institucionalização, porque cada época tem suas convenções, valores, visões de mundo, formando um certo universo cujos elementos interdependentes mantêm entre si relações associativas e funcionais em constante processo de amadurecimento” (SCHERER e BRUM de PAULA, 2002)

## RESUMO<sup>©</sup>

No presente trabalho, que está sendo desenvolvido a partir do projeto **A história das idéias lingüísticas na formação dos Cursos de Letras do RS e SC: o discurso fundador de uma disciplina**, objetivamos fazer uma leitura da relação língua e cultura em obras de Joaquim Mattoso Câmara Junior (1904 - 1970), fundador dos estudos lingüísticos e estruturalistas no Brasil, com a finalidade de compreendermos como foi delineada a disciplina Lingüística no interior de um departamento de Antropologia do *Museu Nacional* do Rio de Janeiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lingüística, Sul, Mattoso Câmara, Antropologia

## INTRODUÇÃO

Os estudos lingüísticos no Brasil foram iniciados por Joaquim Mattoso Câmara com a publicação, em 1941, da obra **Princípios de Lingüística Geral**, a qual “teve uma importância decisiva para a afirmação da lingüística como disciplina autônoma; teve sucessivas edições, que dão um espaço cada vez maior aos princípios e métodos da lingüística estrutural” (ILARI, 2004, p. 53). O reconhecimento<sup>1</sup> da lingüística como disciplina obrigatória nos cursos de Letras ocorreu na década de sessenta, período em que o estruturalismo francês teve seu apogeu, o qual “coincidiu com um momento da história das idéias em que a lingüística foi encarada como a matriz possível de toda atividade científica” (ILARI, idem, p. 76). Sabemos que disciplinas como a antropologia, a psicanálise, a filosofia, a sociologia buscaram no modo como Saussure sistematizou o estudo da língua da ciência lingüística, uma base para desenvolver estruturalmente seus estudos.

Pela obra **Curso de Lingüística Geral**, publicada em 1916 e organizada a partir das anotações de dois alunos que assistiram, entre os anos 1906 a 1909, aos cursos de Saussure, foi atribuído à lingüística um lugar enquanto ciência que tem por base conceitos como de língua, valor, sincronia, entre

outros. Seu objeto de estudo é a língua. Segundo Orlandi (2002b, p.24), a “organização interna da língua, que Saussure chama sistema, seus sucessores chamarão de *estrutura*”.

No Brasil, o começo dos estudos estruturalistas coincidiram com o processo de disciplinarização da lingüística por intermédio dos trabalhos de Mattoso Câmara Jr., em especial nos anos 60, quando foi expressiva a sistematização da língua portuguesa na obra póstuma **Estrutura da língua portuguesa** em 1970.

No decorrer do processo de disciplinarização da lingüística no Brasil, foram publicados muitos estudos de Mattoso Câmara Jr., nos quais estabeleceram uma relação entre língua e cultura, respectivamente, dos estudos lingüísticos e dos estudos antropológicos. A partir disso, buscamos fazer uma leitura de alguns trabalhos do primeiro lingüista brasileiro para entendermos como foi delineada a lingüística para que fosse disciplinarizada e institucionalizada por/em cursos de muitas universidades brasileiras, inclusive no Rio Grande do Sul.

## 1 Um pouco de história

Poucos anos após o lançamento do primeiro manual de lingüística **Princípios de Lingüística Geral**, Mattoso Câmara Jr foi convidado a ministrar um curso de lingüística a etnólogos no Museu Nacional do RJ e, no mesmo ano, em 1943, segundo Faria (1977, p. 8), “com uma bolsa da fundação Rockefeller e o patrocínio do Museu Nacional do RJ e da Faculdade de Filosofia, o Prof. Mattoso Câmara viajou para os Estados Unidos”. Nesse período, estavam<sup>2</sup> exilados em Nova York os estudiosos Roman Jakobson e Lévi-Strauss, os quais se conheceram e trabalharam juntos, possibilitando que os estudos antropológicos se aliassem aos estudos do estruturalismo lingüístico, conforme podemos observar pelas palavras do historiador François Dosse.



“Jakobson assiste aos cursos de Lévi sobre o parentesco, e Lévi-Strauss acompanha os cursos de Jakobson sobre o som e o sentido: *Os seus cursos eram um deslumbramento*<sup>3</sup>. É da simbiose de suas investigações respectivas que vai nascer a antropologia estrutural. Alias, é a conselho de Jakobson que Lévi-Strauss começa a redigir em 1943 a sua tese que se converterá em obra essencial: **Les Structures élémentaires de la parenté**<sup>4</sup>”. (DOSSE, 1993, p. 33).

O russo Roman Jakobson foi um esmerado leitor de Saussure, que apresentou a teoria do *pai da lingüística e do estruturalismo* aos alunos. Em 1915, fundou o Círculo Lingüístico de Moscou e, entre 1925 e a Segunda Guerra Mundial, participou do Círculo Lingüístico de Praga (CLP), no qual começaram a serem desenvolvidos estudos em fonologia e poética. Já o belga Claude Lévi-Strauss, filósofo por formação, iniciou seus trabalhos como antropólogo, a partir da publicação da obra **Tristes Trópicos**<sup>5</sup>, que apresenta seu percurso etnológico no Brasil. O estudioso em antropologia esteve no país a convite, para lecionar na Universidade de São Paulo (USP) e realizar pesquisas de campo em tribos indígenas, entre os anos de 1934 e 1939. Após esse período, retornou à França, de onde logo partiu em exílio à Nova York.

Mattoso Câmara, durante os seus estudos nos Estados Unidos da América, relacionou-se com Roman Jakobson, do qual se tornou aluno, e com Lévi-Strauss, do qual foi colega. A relação com esses teóricos, em especial Jakobson, foi importante nos estudos do lingüista brasileiro acerca da língua portuguesa e do próprio conceito de língua. Segundo Leite (2004, p. 15), “é essa fase de seu curriculum acadêmico, esse período de maturação lingüística, que ele nos traduz em **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**” sua tese de doutorado em Lingüística de 1949.

Após o período de estudos nos Estados Unidos, Mattoso Câmara retornou ao Brasil dando continuidade a seus trabalhos, os quais renderam inúmeras publicações pela Divisão de Antropologia do Museu Nacional e, no ano de 1960, o professor assumiu um curso de pós-graduação a antropólogos sobre o método lingüístico e sua aplicação ao estudo das línguas indígenas. As palestras proferidas, nesse ano, foram gravadas, transcritas por alunos que vieram a publicar a obra **Introdução às línguas indígenas**.

Três anos após Mattoso Câmara dar os primeiros passos em uma disciplina de lingüística na pós-graduação, o professor Aryon Rodrigues, licenciado em Letras em 1959 e doutor em Lingüística em 1960 na Alemanha, segundo Altman (1998, p. 117), “implantou, em Brasília, o primeiro Departamento autônomo de Lingüística e o primeiro programa de pós-graduação na área” com o apoio do

antropólogo e ministro da educação Darcy Ribeiro. Entendemos que esse poderia ter sido o início de um contínuo trabalho em pós-graduação na disciplina, se não tivéssemos o Golpe Militar de 1964, o qual ocasionou mudanças no aspecto político-social brasileiro, que se refletiram na educação. Como exemplo disso, nesse mesmo ano, deu-se o fechamento de tal curso de pós-graduação, com apenas um ano de atividades. O período de ditadura no Brasil disseminou uma crise geral intensa, que atingiu de norte a sul o país, como podemos observar pelas palavras da professora Regina Zilberman (aluna de graduação da UFRGS na época), em entrevista concedida ao Laboratório CORPUS/UFSM:

“Eu comecei o Curso de Letras em 67 (67, 68, 69 e 70). O período pelas datas dá para perceber que foi um período muito difícil. A Faculdade de Filosofia da Federal foi uma das mais atingidas entre 65 e 70 pelos expurgos. [...] de repente sumiam colegas, aquela coisa, período também de perseguição política”. (ZILBERMAN, 2004, p. 12)

Nesse período difícil observamos que Joaquim Mattoso Câmara Jr, junto a outros estudiosos, prosseguiu trilhando os caminhos lingüísticos na busca da consolidação da Lingüística. Participou da organização de revistas, de associações e, principalmente, ministrou cursos pelo Brasil e exterior com o objetivo de especializar profissionais em nível de pós-graduação. Dentre esses cursos, temos em Porto Alegre, no verão de 1967/1968, na PUC/RS, o **I Instituto Brasileiro de Lingüística**, organizado pela professora Leonor Scliar Cabral, que já havia participado de seminários e institutos, anteriormente, no país e exterior.

Mattoso Câmara Jr., em seus trabalhos, buscou levar a nova ciência às universidades brasileiras por congressos, seminários, cursos, com o objetivo de que se tornasse disciplina nos cursos de letras do Brasil. Segundo Orlandi (2002<sup>a</sup>, p. 51), “ele não ocupa uma posição de quem conta de dentro essa história dos congressos, mas de quem divulga o interesse necessário para a criação de congressos de lingüística no Brasil”.

## 2 Um lugar para os estudos lingüísticos

No início dos estudos lingüísticos no Brasil, foi marcante a antropologia estrutural nos trabalhos de Mattoso Câmara. Nessa época, o lingüista foi “relegado à marginalidade” (ALTMAN, p. 106) por não seguir uma linha de estudos filológicos ou literários que eram as formações reconhecidas na área de Letras. Então, Mattoso Câmara, no Museu Nacional, em 1958, no interior do Departamento de Antropologia, organizou um *Setor Lingüístico* no qual,



segundo Altman (p.107), “o ponto forte era o estudo das línguas indígenas”.

No Museu Nacional, Mattoso Câmara desenvolveu muitos trabalhos acerca da relação entre língua e cultura, pela qual observamos que, mesmo inserido em um “lugar dos estudos antropológicos”, o estudioso busca constantemente identificar um lugar próprio para os estudos lingüísticos, delineando fronteiras entre os estudos lingüísticos e antropológicos, como podemos observar por suas palavras.

“a língua é uma parte da cultura, mas uma parte que se destaca do todo e com ele se conjuga dicotomicamente. Esta condição já faz possível, ou até propicia o estudo da língua em separado, como um todo que se basta a si mesmo: e o lingüista se destaca do antropólogo”. (MATTOSO CÂMARA Jr., 1955, p. 268)

Por esse fragmento entendemos que, em suas obras, pela relação entre língua e cultura, associadas respectivamente à lingüística e antropologia, Mattoso desenvolve teorias em que tenta, a partir dessa relação, consolidar o objeto da lingüística, ao mesmo tempo em que busca emancipá-lo, com a finalidade de tornar a lingüística uma ciência autônoma.

Essa relação entre as disciplinas antropologia e lingüística, em Mattoso Câmara, vem, no início do século XX, das suas leituras de Saussure, fundador da lingüística, e de Edward Sapir, do qual Mattoso foi leitor e tradutor de trabalhos, como a obra **A linguagem: introdução ao estudo da fala**<sup>6</sup>. Nesse período de institucionalização da lingüística no Brasil, temos outros estudiosos trabalhando junto a Mattoso, como o lingüista Arvon Rodrigues.

“Rodrigues é um especialista em tupi, interessando-se especialmente pelo estudo das línguas indígenas do Brasil. Também dedicou-se principalmente à lingüística antropológica quando chefe do Departamento de Lingüística da Universidade de Brasília. Inversamente a Mattoso Câmara, cujas tendências se ligam mais aos conceitos saussurianos e à filosofia de Sapir, Rodrigues afixa-se ao mecanismo de Bloomfield”. (MATTOSO CÂMARA Jr., 1976, p. 50).

Por esse fragmento observamos que Mattoso ao mesmo tempo em que busca um lugar para os estudos lingüísticos, inicia as filiações teóricas no interior desse, conforme observamos ao colocar seus trabalhos como filiado à filosofia de Sapir e aos conceitos saussurianos. Sapir, lingüista e também antropólogo alemão, migrou aos Estados Unidos, no final do século XIX, onde fez estudos, nos quais estabeleceu relações

entre essas disciplinas e foi, no início da década de 1920, um dos precursores do estruturalismo americano. Para esse estudioso alemão, segundo Guimarães (2001, p. 121), “a língua é parte da cultura de um povo e é assim marcada por esta cultura”. Dessa maneira, com base nesses dados, passaremos a observar como Mattoso Câmara estabelece relações entre língua e cultura, na busca de consolidar a lingüística em um lugar enquanto disciplina, ao mesmo tempo em que tenta emancipá-la, para que se torne uma disciplina autônoma.

### 3 Por uma leitura da relação língua e cultura

No capítulo inicial *Lingüística: seu objeto*, da primeira obra de Mattoso (1941), para tratar de uma relação entre língua e cultura, o estudioso colocou a seguinte reflexão.

“a língua depende de toda a cultura, pois tem de expressá-la a cada momento. É o resultado de uma cultura global. Tal não acontece com os outros aspectos culturais: em cada um deles se refletem outros, é verdade, como as concepções religiosas na arte, a arte na indústria, e assim por diante; mas nenhum deles existe para expressar todos os outros. Assim, a língua é uma parte da cultura, mas se destaca do todo e com ele se conjuga dicotomicamente”. (MATTOSO CÂMARA Jr., 1969, p. 21).

Para iniciarmos nossa leitura acerca do fragmento proposto, tomamos os seguintes enunciados:

- 1) a língua é *parte da*<sup>7</sup> cultura (Sapir)
- 2) a língua *depende de*<sup>8</sup> toda a cultura (Mattoso)
- 3) a língua é o *resultado de*<sup>9</sup> uma cultura global (Mattoso).
- 4) [a língua] se destaca do todo [cultura] e com ele se conjuga dicotomicamente<sup>10</sup>
  - 4.1) [a língua] se destaca do todo [cultura]
  - 4.2) com ele se conjuga dicotomicamente

Para buscarmos entender esses enunciados, trabalharemos com figuras, que ilustram a relação língua e cultura, retiradas da obra **Princípios de lingüística Geral** (2ª edição, 1954), do texto **Língua e cultura** (1953) e da obra **Introdução às línguas indígenas no Brasil** (1956). Iniciamos com a seguinte ilustração.



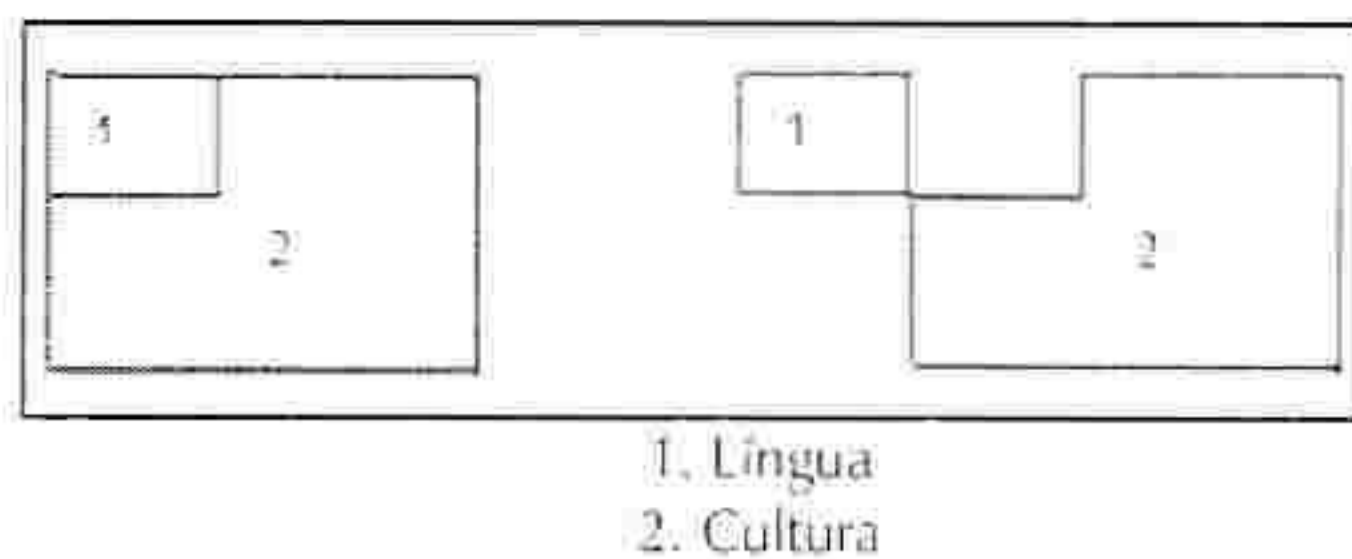


Figura 1

Por essa figura, Mattoso Câmara Jr., no seu primeiro manual, busca esclarecer a idéia de que a língua faz parte da cultura, ao mesmo tempo em que é uma totalidade. Na primeira imagem da figura 1, observamos a língua no interior da cultura; já na segunda imagem, a língua é deslocada, ou, conforme as palavras de Mattoso, “se destaca do todo”. Entretanto, ainda é possível observar que existe uma ligação entre língua e cultura, já que na segunda imagem a língua não está totalmente desligada da cultura. Elas ainda possuem um ponto de ligação. Se transpusessemos a relação língua/cultura para a relação entre as disciplinas Linguística e Antropologia, poderíamos colocar que, no período em que a obra **Princípios de lingüística geral** foi publicada, tínhamos uma marginalização da lingüística nos cursos de Letras, em que eram dominantes os estudos literários e filológicos. Assim, após o estudioso ser convidado a dar aulas no Museu Nacional, começou a se desenvolver a disciplina no interior da Antropologia, segundo Uchoa (2004, p. 05), “centrando na idéia de que as línguas são produtos da cultura”; e já nos anos 50, podemos observar, pelas palavras de Uchoa, que Mattoso começa a deixar em seus trabalhos as marcas da relação entre as duas ciências.

“É importante registrar, ainda documentando o discurso antropológico de Mattoso Câmara, que a palavra cultura, palavra certamente base deste discurso, já aparece no texto da 2ª. Edição revista aumentada de *Princípios* (1954)”. (UCHÓA, 2004, p. 07).

Por esse trabalho no interior da Antropologia, observamos que, inicialmente, a lingüística precisou de uma ciência de apoio para se desenvolver, bem como o seu objeto, de acordo com o enunciado (2), a *língua depende de toda a cultura*, pois, quando a lingüística ainda não era uma disciplina autônoma, estava, no Brasil, sendo desenvolvida no interior dos estudos antropológicos, essa relação (lingüística/antropologia) era necessária como um complemento para a consolidação dos estudos acerca da língua.

Mattoso Câmara, mesmo no interior dos estudos antropológicos, manteve em suas aulas, palestras e textos, a insistência na autonomia e

consolidação da lingüística. No texto **Língua e cultura** (1955), o estudioso nos coloca a seguinte ilustração.

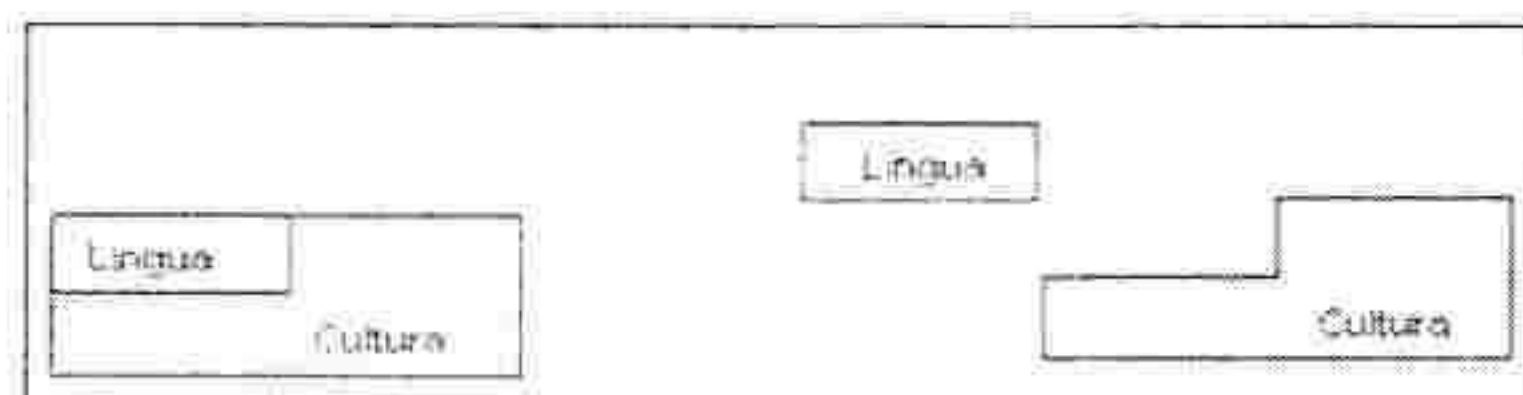


Figura 2

Um ano após a publicação da 2ª edição da obra **Princípios de lingüística geral**, com a ilustração em que ainda existe um ponto que liga língua e cultura, ou seja, em 1955, Mattoso Câmara publica um texto em que temos na figura 2, uma ilustração semelhante a da figura 1. A primeira imagem de ambas figuras são equivalentes, já a segunda também seria se não fosse pelo fato de que entre língua e cultura não temos mais um ponto que as une. A língua está descartada da cultura, formando uma terceira imagem. Para a leitura dessa imagem, colocamos as palavras que Mattoso Câmara utiliza para a análise da figura em seu texto.

“A língua é uma parte da cultura, mas uma parte que se destaca do todo e com ele se conjuga dicotomicamente: [figura] Esta condição já faz possível, ou até propicia o estudo da língua em separado, como um todo que se basta a si mesmo; e o lingüista se destaca do antropólogo”. (MATTOSO CÂMARA Jr., 1955, p. 268).

Por esse fragmento, observamos a insistência de Mattoso Câmara Jr em atribuir um lugar próprio para a lingüística. Pela figura 2, entendemos o enunciado (4.1), em que nos traz a idéia de que a língua se *destaca do todo*, que seria a cultura, como uma possível transposição de significados, para a tentativa de autonomia da lingüística em relação à antropologia. Já para analisarmos o enunciado (4.2), em que temos que língua e cultura se relacionam dicotomicamente, buscamos o apoio teórico do estruturalista e antropólogo francês Claude Lévi-Strauss (1996), o qual coloca, em seu texto *Lingüística e Antropologia*, que “Ao invés de comparar certos aspectos da língua e da cultura, comparemos os seus aspectos diferenciais em duas sociedades ou sub-sociedades, que possuem em comum uma, mas não a outra” (p.108). Na tese do estudioso, que também foi influenciado pelo estruturalismo de Jakobson e pela tradição antropológica americana, foram analisados sistemas de relações de parentesco, de um ponto de vista estrutural, o que o levou a demonstrar que organizações sociais aparentemente diferentes eram, de fato, trocas entre algumas estruturas de parentesco.



Pelo estabelecimento de uma relação dicotômica entre língua e cultura, temos em Mattoso Câmara no Brasil, um trabalho semelhante ao de Saussure na Europa ao estabelecer uma relação dicotômica entre língua e fala, com a finalidade de pensar a língua como um objeto passível de sistematização no seu estudo. O lingüista brasileiro, ao estabelecer uma relação dicotômica entre língua e cultura, busca, por uma associação com as respectivas ciências desses objetos, dar à lingüística a autonomia necessária para que seja aceita como disciplina acadêmica. Essa insistência se mantém pelo seu trabalho, como podemos observar a seguir.

“Podemos considerar, portanto, a língua em face da cultura global como uma estrutura própria, que deve ser estudada em si e por si”. (MATTOSO CÂMARA Jr., 1955, p. 272).

“A língua é um modelo magnífico de estruturação cultural, e a lingüística com os seus métodos e os seus resultados um modelo magnífico de técnica de ciência social; por isso Lévi-Strauss já propôs a técnica lingüística para se estudar um problema social específico como é o sistema do parentesco”. (MATTOSO CÂMARA Jr., 1955, p. 273).

A partir da leitura desse fragmento, analisaremos o enunciado (3), em que temos a língua como o resultado de uma cultura global. Mattoso Câmara coloca a língua como modelo, atribuindo-lhe um valor no interior da antropologia, quando afirma que a língua possui uma estrutura própria, a qual deve ser estudada em si e por si, podendo servir como modelo de estudo a outras ciências, como a antropologia. Nos estudos estruturalistas, Lévi-Strauss, Lacan, Pottier e outros teóricos, tomaram o trabalho de Saussure como base para análises estruturais das ciências as quais pertenciam. Saussure é considerado o pai do estruturalismo e os seguidores de suas teorias, por relações de oposição, segundo Orlandi (2002b, p. 24), “procuravam valorizar a idéia de que cada elemento da língua só adquire um valor na medida em que se relaciona com o todo de que faz parte”. Esses elementos inseridos no todo possuem uma identidade própria e um valor nesse lugar. Portanto, essa língua que faz parte, enunciado (1), e que resulta de uma cultura global, enunciado (2), possui um valor, uma identidade própria no interior dos estudos antropológicos, estando delineada no interior da cultura. Desse modo, a língua pode ser descartada da totalidade da cultura. Na obra **Introdução às línguas indígenas**, publicada pelos alunos de Mattoso, a partir da transcrição de suas aulas, temos a ilustração a seguir.

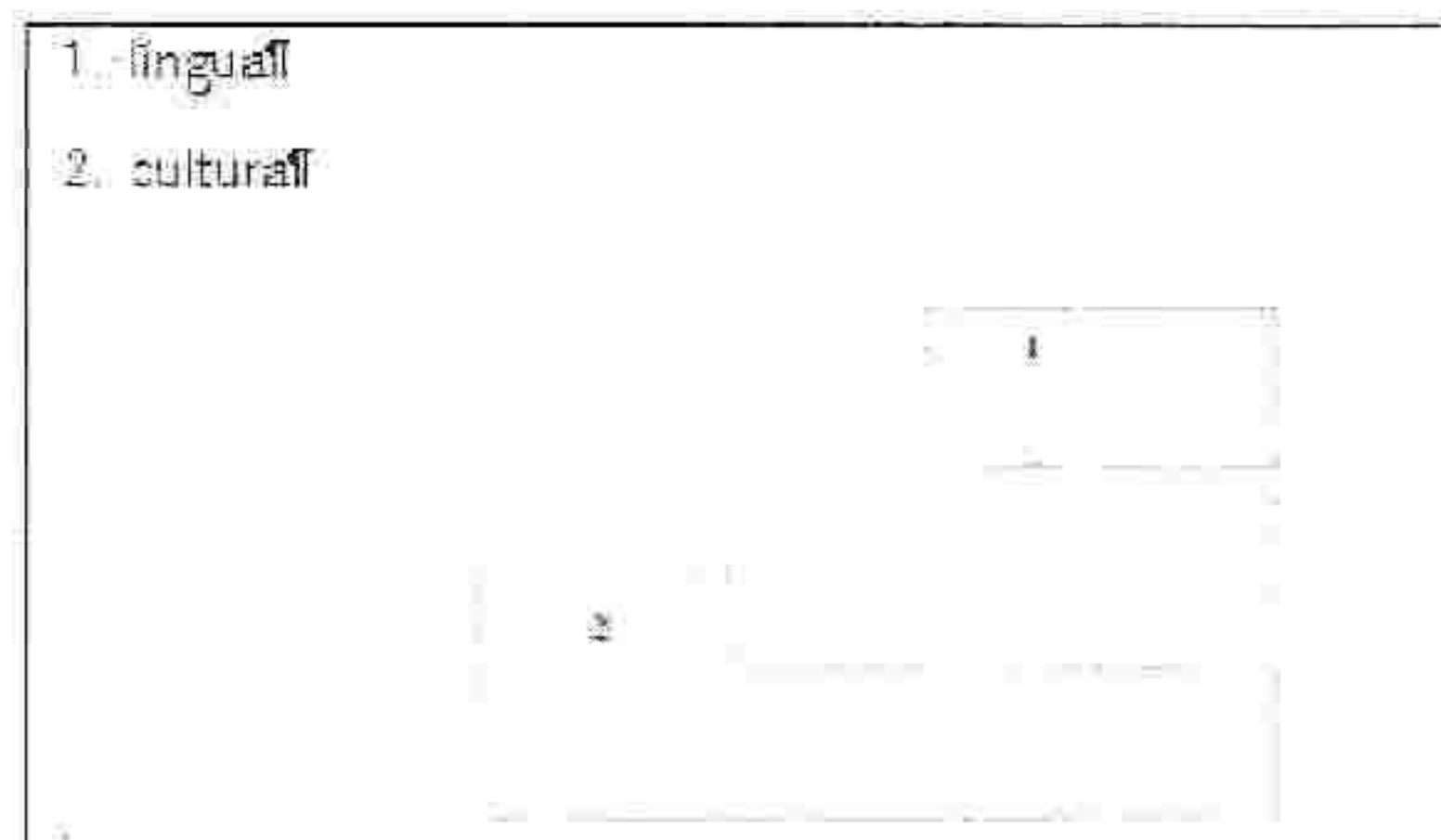


Figura 3.

Na figura 3, publicada após a reedição da obra **Princípios de lingüística geral** (1954) e do texto **Língua e cultura** (1955), temos na imagem a língua descartada da cultura, mas há a presença de linhas pontilhadas que as associam. Em nosso entendimento, essas linhas pontilhadas simbolizam o reflexo da cultura na língua, bem como poderíamos entender como um reflexo da língua na cultura, pois segundo Mattoso (1969, p. 22) “as aquisições culturais são ensinadas e transmitidas, em grande parte, pela língua”. Na obra **Princípios de Lingüística Geral**, Mattoso nos propõe a seguinte solução para os estudos lingüísticos, em face dos estudos antropológicos.

“Tudo isso opõe a língua ao resto da cultura, ou cultura *stricto sensu*, e torna necessária uma ciência independente para estudá-la – a LINGÜÍSTICA, distinta da ANTROPOLOGIA CULTURAL ou ETNOLOGIA, que estuda tôdas as outras manifestações culturais. Admite-se, entretanto, um estudo intermediário, que trata das relações entre a lingüística e a etnologia e é chamado pelos norteamericanos “ETNOLINGÜÍSTICA”. (MATTOSO CÂMARA Jr., 1969, p. 22).

Por este novo campo de estudos interdisciplinar temos um espaço de entremeio que envolve a relação entre língua e cultura, a qual é de extrema importância quando se busca compreender, por exemplo, as relações simbólicas dos sujeitos no interior de uma comunidade.

## CONCLUSÃO

A aproximação entre a antropologia e a lingüística se deu em diversos países como os Estados Unidos da América, a França e o Brasil. Neste, salientamos que Mattoso Câmara buscou num primeiro momento, no interior de seus estudos no Museu Nacional, pela antropologia para desenvolver a lingüística no país e, num segundo momento, ele procurou delineá-la, consolida-la enquanto uma disciplina autônoma.



Já na França temos um processo diferente, pois a relação entre a antropologia e a lingüística se deu por intermédio do antropólogo Lévi-Strauss, que buscou no sistema saussuriano um apoio teórico para desenvolver a antropologia estrutural na Europa. Esse trabalho de Lévi-Strauss trouxe valiosas contribuições à lingüística estrutural na Europa, o que possibilitou a sua institucionalização no Brasil.

Por fim, consideramos um terceiro momento dos trabalhos de Mattoso Câmara em que o estudioso, por intermédio de cursos, congressos, seminários, leva pelo Brasil a disciplina lingüística. Esses cursos, entendemos como a base para que, na área de Letras, fossem fundados os primeiros cursos de pós-graduação nas mais antigas universidades do Rio Grande do Sul como a PUC/RS, a UFRGS e a UFSM, bem como uma forma de especializar professores de graduação que trabalham e que venham a trabalhar com a disciplina lingüística.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTMAN, Cristina. **A Pesquisa Lingüística no Brasil (1968 - 1988)**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.
- DOSSE, François. **História do estruturalismo, v. I: o campo do signo, 1945-1966**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Ensaio; Campinas: EDUNICAMP, 1993.
- FARIA, L. de Castro. **Apresentação**. In: MATTOSO CÂMARA Jr, Joaquim. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. 3 ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Para uma história dos estudos sobre a linguagem**. Línguas e Instrumentos Lingüísticos, 8. Campinas: Pontes/Projeto HIL, 2001.
- ILARI, Rodolfo. O estruturalismo lingüístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004. v. 3, cap. 2, p. 53 – 92.
- LEITE, Yonne. **Joaquim Mattoso Câmara Jr: inovador**. DELTA, 2004, vol.20, no.spe, p.9-31. ISSN 0102-4450.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Lingüística e antropologia. in: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. 5. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MATTOSO CÂMARA Jr, Joaquim. **Língua e cultura**. Transcrito da revista Letras, 1955. In: UCHOA, Carlos Eduardo Falcão (sel e introdução) **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr**. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.
- MATTOSO CÂMARA Jr, Joaquim. **Lingüística Brasileira**. Trad. M<sup>ª</sup> Cândida Bordenave. In: NARO, Anthony Julius (Org.). **Tendências Atuais da Lingüística e da Filologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1976.
- MATTOSO CÂMARA Jr, Joaquim. **Princípios de Lingüística geral**. 4 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.
- ORLANDI, Eni. Ir ao Congresso: Fazer a história das idéias lingüísticas? In: ORLANDI, Eni (Org.). **Institucionalização dos Estudos da Linguagem: a disciplinarização das idéias lingüísticas**. Campinas: Pontes/Projeto HIL, 2002 (a).
- ORLANDI, Eni. **O que é lingüística**. 12 ed. São Paulo: Brasiliense, 2002 (b).
- UCHOA, Carlos Eduardo Falcão. **Mattoso Câmara: a new discourse about language study in Brazil**. DELTA, 2004, vol.20, no.spe, p.1-8. ISSN 0102-4450.
- ZILBERMAN, Regina. **A formação do pós-graduação em letras no Rio Grande do Sul**. Revista Fragmentum. Número 5. Santa Maria: Laboratório Corpus/UFSM, 2004.

## NOTAS

\* Trabalho realizado por Juciele Pereira Dias, aluna do sétimo semestre do Curso de Letras da UFSM, bolsista PIBIC/CNPq do projeto "História das Idéias Lingüísticas no Sul" e integrante do Grupo de Estudos Lingüísticos de Santa Maria – GEL, ambos sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr. Amanda Eloinã Scherer.

<sup>1</sup> O ensino da nova ciência no país foi inaugurado em um curso extensivo de Lingüística junto a um curso de Letras em 1938 e 39 (Altman, p. 101) com Mattoso Câmara como professor-adjunto na Universidade do Distrito Federal, no RJ com duração de apenas dois anos, já que a universidade foi fechada. Nesse mesmo ano foram iniciadas as atividades da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, entretanto não é trabalhada a disciplina lingüística. Posteriormente, em 1962, saiu uma resolução do Conselho Federal de Educação que previa para o ano seguinte a "implantação da disciplina Lingüística em todas as Faculdades de Filosofia que tivessem cursos de Letras". (ALTMAN, p.115). Na época, o Ministro da Educação era Darcy Ribeiro, antropólogo indianista, que pensava em criar Institutos e Departamentos autônomos, sendo um deles o de Lingüística.

<sup>2</sup> Após a França ter se rendido a Alemanha em 1940 na 2ª guerra mundial, Lévi-Strauss (judeu), Jakobson e outros intelectuais foram para Nova Iorque e participaram da fundação da École Libre des Hautes Études, uma espécie de "universidade-no-exílio" de acadêmicos franceses.

<sup>3</sup> Nota do autor François Dosse: "Cl. Lévi-Strauss. De près et de loin, op. Cit., p.47".

<sup>4</sup> Na edição brasileira lançada pela Editora da Universidade de São Paulo Editora Vozes em 1976, a obra é intitulada: As estruturas elementares do parentesco.

<sup>5</sup> Original: Tristes Tropiques de 1955.

<sup>6</sup> Original: Language: an introduction to the study of speech.

<sup>7</sup> Grifo meu

<sup>8</sup> Grifo meu

<sup>9</sup> Grifo meu

<sup>10</sup> Grifo meu